

Ennio Pasinetti • Mariella Bombardieri

EQUILÍBRIO INSTÁVEL

A separação dos pais
narrada pelos filhos



Prefácio

Separações e divórcios estão em constante aumento. As causas são várias e complexas: certamente se deve levar em consideração uma mudança cultural que torna a união conjugal mais frágil, há maior incapacidade por parte dos cônjuges em enfrentar dificuldades e conflitos de modo construtivo, mas, sobretudo, não se toma cuidado com a relação conjugal desde o início nem são adequadamente acompanhadas as várias fases de transformações típicas do seu ciclo de vida. É importante que, aos primeiros sintomas de dificuldades, o casal tenha coragem de pedir ajuda e não se feche numa estéril autossuficiência. Quando, porém, a relação já está comprometida, podem-se empreender percursos de reconciliações para os casais dispostos a avaliar as possibilidades de tratar as feridas ou indicar formas de mediação para gerenciar a separação de modo mais adequado possível, sustentando a função educativa parenteral e as difíceis dinâmicas relacionais que a acompanham. A experiência da fragilidade, portanto, envolve cada vez mais frequentemente a família e as relações que nela ganham vida. As relações pais e filhos são as que sofrem mais, pois, durante a separação, se tornam sempre mais complexas e difíceis de serem administradas.

Para os filhos, a separação dos pais e as relações conflituosas que geralmente a precedem e a acompanham são acontecimentos que criam incertezas e exigem respostas. Eles as esperam dos adultos, que têm responsabilidades educativas, capacidade de oferecer apoio no sofrimento e de dar sentido à experiência. O sofrimento, a dor, as mágoas rompem os equilíbrios consolidados, revelam novas dimensões, colocam interrogações inéditas, convidam a reconsiderar a relação com si mesmo e com os outros, conduzem à busca de novos horizontes de sentido, contanto que a pessoa se deixe questionar por eles.

O livro enfrenta com delicadeza e competência a experiência da separação conjugal e suas repercussões sobre as relações familiares, a partir de um ponto de vista particular: o dos filhos. Filhos de pais separados, agora adultos, releem a própria experiência e, através da narrativa, conseguem dar significado ao sofrimento vivido.

Trata-se justamente de histórias “instáveis”, de quem, após ter vivido o sofrimento e a ruptura de antigos equilíbrios, conseguiu construir nova estabilidade. Trata-se, em muitos casos, de equilíbrios relacionais que permitiram caminhar sobre fios suspensos no vazio, em busca de novas relações.

O conflito e a mágoa da separação são situações críticas para toda a família e para os filhos em particular. Tal situação crítica nasce de um evento que gera sofrimento, modifica os projetos e ameaça a estabilidade emocional; isso determina a ruptura de um equilíbrio e implica um

processo de transformação e mudança. Ao mesmo tempo, a crise coloca a pessoa diante da necessidade de realizar escolhas, induz a redefinir o próprio projeto existencial à luz de novos eventos e em função das próprias referências de valores.

As crises se tornam, então, ao menos potencialmente, uma ocasião de conhecimento e de transformação porque “o confronto com as perguntas suscitadas pelo sofrimento e pela dor, as experiências do acompanhamento das pessoas nos momentos mais difíceis, o testemunho da proximidade [podem constituir] um verdadeiro caminho de educação à esperança”.¹

Se uma pessoa, seja pai, seja filho, que vive uma situação de dificuldade, de fragilidade ou de ruptura de um relacionamento, não tem a possibilidade de ser acolhida, escutada e compreendida, também não terá a possibilidade de enfrentar e reelaborar a dor que a invade, de retomar um caminho que a leve a redefinir o próprio projeto de vida.

Trata-se, portanto, também nas situações mais difíceis, de refundar os relacionamentos intergeracionais, de recompor a trama que sustenta a relação educativa. Para realizar isso é necessário que os pais, ainda que estejam separados, recuperem a própria responsabilidade educativa, assegurem o compromisso e a dívida perante os filhos.

¹ CEI. *Educare alla vita buona del Vangelo*. Orientamenti pastorali dell’Episcopato italiano per il decennio 2010-2020, n. 54.

Pais e filhos se encontram empenhados em uma tarefa educativa conjunta, cujo êxito depende das qualidades das relações em jogo e da capacidade de enfrentar a situação. Trata-se de um processo que investe uns e outros, simultaneamente e de modo interconexo, da consciência de que o ser humano torna-se autenticamente ele mesmo através das relações. É ao relacionar-se que cada um toma consciência de si mesmo. Esse aproximar-se do outro, estabelecendo conexões vitais, mesmo nas situações dolorosas, afasta a solidão e gera esperança.

As histórias de vida narradas neste livro entrelaçam-se a ponto de estabelecer uma trama que oferece ao leitor a possibilidade de adentrar nas vivências dos filhos de casais separados, percebendo as dificuldades dos pais em preservar as suas funções educativas. Surge daí uma narração viva e em tempo real, que dá voz à fragilidade e ao poder dos relacionamentos familiares.

Domenico Simeone

Professor de Pedagogia Geral e Social
na Universidade Católica Sagrado Coração de Milão
e Presidente da Confederação Italiana
de Consultores Familiares de Inspiração Cristã.

Introdução

Alguém disse que as coisas não existem
se não há palavras pelas quais possam ser nomeadas.
(Gianrico Carofiglio)

A primeira lei sobre o divórcio na Itália, a chamada lei Fortuna-Baslini, foi aprovada em 1º de dezembro de 1970; a seguir, em 1974, houve um referendo ab-rogativo, mais conhecido como referendo sobre o divórcio, que se concluiu com a confirmação da lei. Sucessivamente, a normativa foi modificada pelas leis 436/1978 e 74/1987. Em particular, com esta última reduziu-se o tempo necessário para a sentença definitiva de divórcio. Em 2006 foi aprovada a lei n. 54, que introduziu a guarda compartilhada dos filhos.

No Brasil, o divórcio foi regulamentado pela lei 6.515 de 26 de dezembro de 1977, que estabelecia a conversão da separação em divórcio depois de três anos de separação judicial do casal ou cinco anos de separação de fato. Posteriormente, a Constituição Federal de 1988 reduziu o prazo de conversão para um ano e para dois anos de separação de fato. A partir de 2007, o divórcio passou a ser requerido sem a necessidade de uma ação judicial, quando o casal não tem filhos menores de idade ou incapazes.

Muito tempo se passou desde essas leis. As separações e os divórcios aumentaram bastante e as intervenções dos legisladores apenas regularizaram uma situação existente, uma necessidade difusa, portanto, ainda que com relação ao passado se tenha criado uma cultura maior sobre esta intervenção, uma sensibilidade mais orientada para a vida dos filhos e a possibilidade de pedir auxílio para administrá-la do melhor modo possível. A instabilidade familiar é um fato que precisa ser levado em consideração. Alguns problemas permanecem sem solução: nem sempre os pais podem contar com os serviços de apoio e é muito alta a conflituosidade em certas situações familiares.

Um equilíbrio instável

Enquanto trabalhávamos neste livro, chamou a atenção da imprensa o drama de Leonardo, uma criança de apenas dez anos, filho de pais separados, retirado à força da escola para ser entregue ao pai. Causou grande clamor essa história, composta de conflitos insanáveis entre os pais e de pouca colaboração entre as instituições. Ela confirmou ainda mais a necessidade de escrever um livro sobre o tema a partir da experiência daqueles que tinham vivido a separação dos próprios pais e que agora são adultos.

Para aventurar-nos em tal direção, escolhemos uma imagem que, por si mesma, é uma constatação e um respeitoso ponto de partida: a corda bamba. É como dizer “em desequilíbrio” e, ao mesmo tempo, a busca jamais

satisfeita e definitiva de um ponto de equilíbrio. É um estado (estar na corda bamba), é uma ação, mental ou real (escolher ou caminhar sobre a corda bamba). Trata-se de uma ação que está presente na maior parte da nossa vida, mesmo quando não temos consciência e, portanto, um estado com o qual devemos conviver.

Relacionada à ideia de dar voz ao sofrimento vivenciado pela parte mais frágil atingida pela fragmentação de uma família – porque certa dose de dor é sempre uma marca nesses casos –, a imagem do equilíbrio instável combina com os adultos que vacilam diante das dificuldades da vida conjugal e sua condição de pais; com os próprios filhos, protagonistas deste livro, controverso e partilhado; com os diversos contextos – familiar, fraterno, social – que oscilam entre solidariedade e compaixão.

Para dar conta desse estado de ambiguidade, quisemos tentar um olhar distanciado, como ocorre na mediação familiar, onde um mediador auxilia na leitura e no entendimento de alguns acontecimentos familiares e acompanha os pais na vivência dessa transição; as nossas competências (ou talvez deformações) profissionais nos conduzem em tal sentido: uma psicopedagoga, atenta à densidade comunicativa da palavra, habituada a escutar e a fornecer chaves de leitura das experiências educativas e dos sentimentos para favorecer a possibilidade de crescimento interior; e um redator, habituada a considerar a palavra como matéria a ser escavada e filtrada, não para deformá-la, mas para fazê-la brilhar em sua essência.

Uma forma de esclarecer a realidade

Assim, guardando certa distância e com profundo respeito, fomos nos aproximando das pessoas e suas histórias – ou, se preferir, o contrário: das histórias e seus personagens – para tentar encontrar o fio condutor onde parecia haver apenas fragmentos.

Também utilizamos um artifício literário, uma espécie de “ficção” para introduzir os testemunhos que são o núcleo do livro: dois jovens, Marco e Sara, filhos de pais separados, que nos dias e nas atitudes que precedem o seu casamento, são induzidos a reler e colocar a própria experiência pessoal em uma perspectiva que se abre à esperança do futuro. Não se trata exatamente de um “interlúdio” narrativo, mas de uma forma de aproximar-se da realidade mediante um texto romanceado (mas nem por isso irreal, também ele na corda bamba!), para fazer emergir problemas e recursos, quiçá com um pouco de leveza, a um olhar de esperança mais do que de esforço.

O objetivo é também o de oferecer um auxílio a quem está vivenciando uma separação e pode encontrar-se em crise e sentir-se desorientado, levando em conta a delicadeza do argumento e a inutilidade de respostas preconcebidas ou, pior ainda, moralistas. Em nossa pesquisa, não nos arriscamos em julgamentos arrogantes, muito fáceis para quem está de fora; ao contrário, este livro pretende oferecer pistas que conduzam a algumas questões e ao aprendizado a partir das experiências dos filhos.

Apesar de a lei de divórcio abordar a guarda compartilhada dos filhos, ainda são muitas as dificuldades de sua gestão concreta. Simona Ardesi, advogado e professor de Direito da Universidade Católica de Brescia, em uma palestra sobre separação, afirmou que a palavra “guarda” subentende a palavra “confiança”, tão difícil de ser colocada em prática quando mãe e pai se separam. Não obstante essa dificuldade, porém, valendo-nos da aproximação simbólica relacional sobre família, acreditamos ser possível gerar também a partir desse acontecimento doloroso. Gerar também quando se vive a transição da ruptura da aliança conjugal, sabendo que o filho tem necessidade de ambos e que um não é mais ou menos merecedor de confiança que o outro; seria injusto ou ao menos carecia de comprovação. Os filhos têm necessidade de mãe e de pai e amam a ambos: é o que emerge de nossas entrevistas. A ligação sagrada por excelência é a que existe entre pai, mãe e filho, e não pode ser anulada. Anular as experiências de vida significa empobrecer ou perder também a sua riqueza.